

Rumos do futuro

Ao reunir ontem o seu Ministério, pela terceira vez este ano, o presidente Fernando Henrique Cardoso traçou claros rumos para o desenvolvimento da economia nacional em futuro próximo, que desmentem, mais uma vez, os pessimistas e propagadores de teorias ultrapassadas. Em resumo, FHC quer, a partir de julho — primeiro aniversário do Plano Real — uma taxa inflacionária abaixo dos 2% de hoje, bem como juros mais baixos e uma redução da dívida pública interna, mediante o incremento do processo de privatizações.

Com efeito, faltando um mês para o real completar um ano, não cabem apenas as reflexões sobre o que ocorreu nesse período fecundo de modificações na vida nacional mas também um claro sinal de norteamiento das ações futuras do Governo. País sensível ao que diz ou se imagina que pense um ministro da Fazenda ou do Planejamento, o Brasil sofre muito mais a influência de um discurso do Presidente da República. Assim, dentro do nervosismo natural em que vivem as Bolsas e os investidores, nesse mundo de comunicação instantânea, importa muito saber qual a diretriz presidencial para os restantes sete meses do ano.

Pelo que se conclui da reunião de ontem na Granja do Torto, o balanço presidencial sobre o passado recente é otimista, bastando citar que a economia brasileira cresceu, efetivamente, em 10% nos últimos três meses.

Embora não tenham sido feitas projeções, ou pelo menos não foram reveladas pelo porta-voz da Presidência da República, os cautelosos comentários à imprensa por parte dos ministros da área econômica autorizam muita confiança no desempenho da economia nacional no restante de 1995. Os juros continuem em leve queda e a redução do consumo, segundo Pedro Malan, não significa que o Governo FHC queira a recessão mas um crescimento efetivamente sustentado e não-inflacionário.

Como em toda e qualquer avaliação econômica no mundo de hoje, há sempre o imponderável do comportamento dos investimentos internacionais. Tudo indica que o Brasil voltou a ser um parceiro confiável para os investidores estrangeiros, notadamente após a viagem do Presidente da República aos Estados Unidos. O dinheiro, entretanto, é mercadoria volúvel, que tanto pode se encaminhar para o Brasil quanto qualquer outro país, onde se imagine mais seguro e rentável. Por isso mesmo, a aprovação de todas as reformas constitucionais propostas por FHC é de suma importância para que o País demonstre, de maneira cabal, que está atualizado com o mundo de hoje e pronto a receber os investimentos produtivos destinados a incrementar o progresso, elevar a renda nacional e per capita e liberar o Estado para os inadiáveis investimentos na justiça social.